

A angústia do *infans*¹

Marie-José Latour
Tradução de Beatriz Chnaiderman

Resumo

Por ser, de início, aquele que não fala (*infans*), o ser humano é imediatamente confrontado com o desamparo original (*Hilflosigkeit*), ligado à sua prematuração específica. A questão será localizar-se nos efeitos da demanda, do desejo e da angústia, como recursos diante desse traumatismo estrutural.

Palavras-chave:

Infans; Desamparo; Trauma; Angústia; Demanda; Desejo.

Infans' anguish

Abstract

Being at first the one who does not speak (*infans*), the human being is immediately confronted with the original helplessness (*Hilflosigkeit*) linked to his specific prematurity. It will be a question of finding our way around the effects of demand, desire and anguish as a means of recourse in front of this structural traumatic experience.

Keywords:

Infans; Distress; Trauma; Anguish; Demand; Desire.

La angustia del *infans*

Resumen

Siendo, inicialmente, el que no habla (*infans*), el ser humano se enfrenta inmediatamente con el desamparo originario (*Hilflosigkeit*), ligada a su específica prematuridad. La cuestión será localizarse en los efectos de la demanda, del deseo y de la angustia, como recursos frente a este trauma estructural.

Palabras clave:

Infans; Desamparo; Trauma; Angustia; Demanda; Deseo.

1 Trabalho apresentado no XII Encontro Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano, que teve por tema "A angústia, como fazê-la falar?".

L'angoisse de l'*infans*

Résumé

D'être d'abord celui qui ne parle pas (*infans*), l'être humain est d'emblée confronté à la détresse originaire (*Hilflosigkeit*) liée à sa prématuration spécifique. Il s'agira de se repérer dans les effets de la demande, le désir et l'angoisse, comme recours face à ce traumatisme structural.

Mots-clés :

Infans ; Détresse ; Traume ; Angoisse ; Demande ; Désir.

Um rápido preâmbulo para situar este trabalho, produzido em grande parte no contexto de um cartel que reúne Daphna Benzaken, de Tel-Aviv; Beatriz Chnaiderman, de São Paulo; Roberta Giacché, de Roma; e Tatiana Pellion, de Paris. O tema desse cartel é "O que é um bebê para a psicanálise?".

A angústia do *infans* é, literalmente, a angústia daquele que não fala, *in-fans* sendo uma palavra latina, negativa, que nomeia "aquele que não fala". Em francês, o uso do "de" gera equívocos, pois ele pode declinar em genitivo objetivo (angústia que temos com o *infans*) e em genitivo subjetivo (a angústia que o *infans* experimenta).

Se a angústia é, como sugere a etimologia (aperto, estreitamento), o que nos fecha a garganta, nossa perspectiva de fazer falar a angústia se torna um pouco paradoxal. A angústia não nos conduziria, sobretudo, àquele tempo anterior à fala e que pode, com efeito, revelar-se angustiante?

1

Na Antiguidade, Ovídio e Lucrecia destacaram o que Lacan chamou de prematuração específica do pequeno homem, o que o confronta com o desamparo original, *Hilflosigkeit* — que não é a angústia.

Desse modo, nós encontramos em *De rerum natura* esta passagem:

Por que a criança jaz ali toda nua, tal qual um marinheiro jogado ao rio pela tempestade, e sem palavras, sem que nada a ajude a viver [é isso, precisamente, a *Hilflosigkeit*], às duras penas na luz, jaz aí, arrancada do ventre de sua mãe, enchendo de luto todos os gritos, dignos de um ser a quem a vida ainda reserva tantas mazelas? Eis nosso rebanho, os animaizinhos crescendo sem brinquedos, sem uma cuidadora terna que os beatifique em voz baixa com doces balbucios, sem qualquer roupa adaptada às estações, enfim, sem necessidade de armas ou de altas muralhas guardando seus

bens, já que a natureza industriosa e a abundância da terra atendem às suas necessidades! (Lucrece, 2012, p. 343, tradução nossa)

Em “Complexos familiares”, de 1938, Lacan (1938/2001) não retoma essa descrição do *De rerum natura*? Nesse texto, ele faz do atraso da dentição e do andar, do atraso da maior parte dos aparelhos e das funções a causa do que determina, no homenzinho, uma impotência vital total, que dura para além dos dois primeiros anos e que conduz Lacan a reconhecer, no começo da vida, uma deficiência biológica positiva, e a considerar o ser humano um animal que nasce prematuro.

2

Aquele que nasce não falante urra. Ele grita para sobreviver. Ele se esgoela. Esse grito, anterior a toda língua e a todo endereçamento, é o augúrio da passagem do sufocamento ao sopro vital.

Na primeira lição do seminário *O desejo e sua interpretação*, Lacan (2013) constrói seu grafo do desejo. Ele situa a primeira parte dele como o nível *infans* do discurso. De fato, não é necessário que a criança esteja falando para que se exerça a marca da Demanda, com sua consequência de subversão da necessidade, e, a partir daí, o homenzinho já não poderá encontrar-se em estado puro. Querendo ou não, antes mesmo de poder servir-se disso, o ser humano está, já de início, tomado pela linguagem, embora, desde a origem, algo não fale no ser humano.

Em seguida, vem esse momento bem particular, no qual aquele que toma em consideração o sinal que faz o bebê, fazendo-se endereçamento daquilo que é um simples berro, transforma-o em apelo.

A partir daí, rapidamente, a criança se dirige a outro que ela reconhece como falante, que vê falando, e sua relação com o mundo vai, de agora em diante, ter que passar por aí, ou seja, pelo mal-entendido estrutural e, ainda assim, inaugural. Nesse ponto, nos diz Lacan, temos o significante, o significado e a barra. Essa barra é o lugar do desejo.

O desejo se produz, então, no mesmo lugar em que, de início, experimenta-se o desamparo. E, se fazemos da angústia o ponto-chave da determinação dos sintomas, ela só intervém na medida em que é tomada pelo mecanismo do desejo. Há um paradoxo aí. O desejo do Outro é o que permite dar tratamento a esse desamparo, e é ele que, por essa via, transforma-o em angústia.

3

Em nosso cartel, fomos levadas a reler a lição de 12 de dezembro de 1962 do seminário *A angústia*, na qual Lacan (1964/2004) tenta dar conta do que deve ser funcional para os psicanalistas, o que está, portanto, no âmago de suas práticas.

Apoiando-se em trabalhos do neuropsiquiatra alemão Kurt Goldstein (1878-1965), autor de uma obra apaixonante, *A estrutura do organismo* (Goldstein, 1983), Lacan distingue dois tipos de reações diante de uma situação de perigo intransponível: a “reação de desordem” e a “reação de angústia”. Foi precisamente essa passagem que me deu vontade de intervir em nosso Encontro Internacional.

A primeira reação aparece assim que o sujeito é confrontado com uma situação em que ele se apreende como sem recursos, como radicalmente despreparado, inoperante. Poderíamos situar nessa reação de desordem, por exemplo, o pavor, o protesto furioso, o horror. Essa reação não leva alguém a buscar um psicanalista, já que não se torna uma questão.

Para que a reação de angústia se produza, fazem-se necessárias duas condições. A primeira é que a falta surja sob uma forma positiva, quer dizer, que haja a necessidade de um pequeno espaço que escape ao *deficit*. A segunda condição requer que esse aparecimento se produza sob o efeito de uma demanda.

A esfinge é uma dessas figuras questionadoras que fazem a garganta apertar. De fato, para o sujeito concernido, essa questão difere do acesso à significação, faz aparecer um vazio aí. É o que chamamos um enigma. “Um *ainigma*, em grego, é, em francês, uma adivinha que pressiona o espírito (que estrangula a psique)” (Quignard, 2024, p. 52).

4

A Hilflosigkeit é esse sem-recursos que funda a necessidade do recurso vital ao Outro.

Desse sem-recursos resta um vestígio sob a forma de sinal, a angústia. A angústia é, portanto, esse recurso que carregará a cicatriz desse “sem-recursos” ao qual ela é chamada a remediar (eu lhes recomendo o trabalho preciso de Nicolas Bendrihen, apresentado neste Encontro Internacional sob o título *Os efeitos da cicatriz do acaso*). Por meio da presença opaca e obscura do desejo do Outro, não seria preciso, como diz o escritor francês Pascal Quignard, pagar com a angústia sua libra de carne ao desejo?

Eis o fundamento do que a psicanálise nos permite situar como a experiência traumática estrutural (diferente da angústia existencial) e que uma psicanálise permite vislumbrar.

Compreendemos, portanto, talvez um pouco melhor, por que, em seu seminário sobre *A ética da psicanálise*, em 29 de junho de 1960, Lacan (1960/1986) se volta sobre a *Hilflosigkeit*, para indicar que, ao término de uma análise que prepara alguém para se tornar psicanalista, deve-se alcançar esse desarranjo absoluto, em que não se pode esperar ajuda de ninguém, a fim de que não se deixe nenhum respiro para a pulsão de morte.

Referências bibliográficas

- Goldstein, K. (1983). *La structure de l'organisme*. Paris: Gallimard.
- Lacan, J. (1986). *Le séminaire, livre VII : l'éthique de la psychanalyse*. Paris: Seuil.
(Trabalho original publicado em 1960)
- Lacan, J. (2001). Les complexes familiaux dans la formation de l'individu. In J. Lacan. *Autres écrits*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1938)
- Lacan, J. (2004). *Le séminaire, livre X : l'angoisse*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1964)
- Lacan, J. (2013). *Le séminaire, livre VI : le désir et son interprétation*. Paris: La Martinière.
- Lucrece (2012). *De la nature*. Paris: Les Belles Lettres.
- Quignard, P. (2024). *Compléments à la théorie sexuelle et sur l'amour*. Paris: Seuil.

Recebido: 01/06/2024

Aprovado: 15/06/2024